

Elizabeth Monteiro

A culpa é da mãe

**Reflexões e confissões acerca
da maternidade**


**summus
editorial**

A CULPA É DA MÃE
Reflexões e confissões acerca da maternidade
Copyright © 2012 by Elizabeth Monteiro
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Capa e projeto gráfico: **Alberto Mateus**
Imagem da capa: **IStockphotos**
Diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Será que a culpa é da mãe mesmo?

*Este livro é indicado às mães estressadas,
culpadas, inseguras, impacientes e, acima de tudo,
cansadas... Muito cansadas...*

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	11

PRIMEIRA PARTE **Minha avó**

Autoridade autoritária	19
Criança tratada como adulto	22
Compartilhar	25
Roupa suja se lava em casa	28

SEGUNDA PARTE **Minha mãe**

Querer é poder	37
A minha infância	42
Bom humor	45

TERCEIRA PARTE **Eu e minha família**

Alimentação	53
Culpa	59
Birra	68
Agitação	75
Limites	82
Educação	90
<i>Bullying</i>	98
Sono	103
Irmãos.	109
Emoções	113

Violência	120
Apuros.	127
Uma questão de prioridades	137
Realidade	141
Paciência	148
Ciúme	163
Família	170
Infância	176
Essa droga das drogas...	181
Morte	187
Aprendizagem	192
Dinheiro	203
Sexualidade	207
Horários	217
Brincar é coisa séria!	221
Medo	230
Separação	237
Amizades	242
Projetos de vida	257
Quando os filhos se tornam adultos.	265
Conversa entre duas crianças do século XXI	273

Prefácio



Este livro de **Betty Monteiro**, *A culpa é da mãe* — *Reflexões e confissões acerca da maternidade*, é a um tempo leve e gostoso, sério e importante, e extremamente útil.

É leitura para pais, filhos, mães, filhas e qualquer pessoa que se interesse pelos relacionamentos humanos: dentro deles os familiares, e dentro desses, ainda, os complexos, tantas vezes ternos e tantas vezes ásperos confrontamentos entre mães e filhos.

Não há maior intimidade emocional, maior necessidade de privacidade e respeito e melhor possibilidade de conforto, entendimento e aconchego do que nessa difícil relação, fonte de tanto conflito, tanto mal-entendido e, também, de tantos e tão luminosos referenciais nesta vida humana — que é doloroso, intenso, às vezes belo crescimento.

LYA LUFT, escritora

Introdução



Recebo em meu consultório centenas de mães culpadas, perdidas e sofridas. Elas buscam uma receita milagrosa para criar os filhos e contam-me seus dilemas. Mães que não têm coragem de se deixar dirigir pelos próprios valores, que não confiam em si ou desistiram de lutar. Muitas vezes vejo-me em cada uma delas. Recordo-me da infância dos meus filhos e das muitas bobagens e erros que cometi simplesmente por não saber, por estar cansada, cheia, impaciente e por ter sido uma mãe jovem e inexperiente.

Hoje sou escritora, pedagoga e psicóloga, mas só me tornei essa profissional depois que meus filhos cresceram. Meu pai me fez trabalhar assim que concluí o Magistério — tinha de ajudar com as despesas. Casei-me, tive filhos cedo e sempre trabalhei. Por isso demorei muito para conquistar todos os meus títulos. A sabedoria e a maturidade de hoje são, porém, meu único patrimônio e minha eternidade. Conquistei a eternidade por intermédio dos meus genes — que serão transferidos geração após geração aos meus descendentes — e do meu trabalho.

Como sou uma mulher movida por projetos de vida, sempre me impus realizar todos os meus sonhos antes de morrer. E olha que os realizei! Está me sobrando tempo de vida para mais alguns projetos que tenho de inventar. Quem sabe fazer *canyoning*, *rafting* ou, então, ter um canil. Posso dizer que, se soubermos priorizar nossas necessidades, a vida nos permitirá realizar um montão de sonhos.

Olha só: filho não é impedimento nenhum para os realizarmos. Sou partidária da manutenção da família, independentemente de seu formato: família com pai e mãe, família de mãe solteira, família composta por homossexuais ou feita com outros arranjos. A família ocidental contemporânea passou, e ainda passa,

por diversas transformações em seus costumes, que se caracterizam principalmente pela perda da autoridade paterna, por dificuldades na transmissão dos valores familiares aos filhos, pela mãe que trabalha fora, por “decomposições” e novas composições.

Um estudo realizado na Universidade de Copenhague, na Dinamarca, avaliou crianças criadas por duas mães (casais homossexuais femininos) e concluiu que essas crianças são menos propensas a ter depressão. Isso porque o casal homossexual sofre muito mais para constituir família e o sentimento de união e resistência desse casal é transmitido aos filhos, fortalecendo assim sua estrutura psicoafetiva e emocional. Embora essas transformações ocorram nas cinco mil sociedades espalhadas pelo mundo ao longo do tempo, não se conhece nenhuma sociedade do gênero humano em que a família, como grupo de pessoas que habitam o mesmo espaço, não desempenhe um papel importante.

Não é nada fácil manter a unidade familiar. É preciso acreditar muito na força da união e querer que ela se mantenha. Mark Bauerlein, professor da Universidade de Emory, em Atlanta, na Geórgia, depois de supervisionar uma série de estudos sobre a vida e o cotidiano de jovens americanos, publicou o livro *The dumbest generation* [A geração mais idiota, em tradução livre — Nova York: Tarcher, 2008]. Segundo sua pesquisa, os jovens de hoje são muito mais inteligentes, porém apresentam um baixo índice de conhecimentos gerais, de leitura e de compreensão de texto. Poucos se relacionam com a família e os amigos, devido ao tempo dedicado às redes sociais, como MySpace e Facebook, ou escrevendo blogues, twitters, falando ao celular e enviando mensagens de texto para contar de si. Não interessa a esses jovens a história do seu país, quem foi Napoleão, se sua família está bem, mas apenas o que está ocorrendo naquele momento, na cantina da escola, por exemplo.

Portanto, penso que precisamos criar um espaço para conversar com os filhos, reunir a família e os amigos. Conversar sem

ter de teclar mensagens, para não condenar os jovens e as famílias ao exílio social. As crianças e os jovens precisam conviver com os adultos, conversar com pessoas que têm mais experiências do que eles e trocar afeto. Isso os ajudará a amadurecer e a acreditar na humanidade.

Contarei neste livro histórias de mães e de famílias, em especial as da minha família, pois não quero ser mais uma a apontar as falhas ou erros das tantas e tantas mães existentes. Talvez você possa identificar-se com algumas delas, apesar da diferença de época e idade. Iniciarei com as histórias da minha família materna e finalizarei com as experiências que vivi com meus filhos. Falarei de três gerações de mulheres de uma mesma família, para que você possa acompanhar as mudanças ocorridas e compará-las com a época atual.

ATENÇÃO: os capítulos referentes à minha avó e à minha mãe não trazem um tratamento psicológico. Apenas narram atitudes e comportamentos relativos a uma época. Por outro lado, as minhas histórias pessoais são acompanhadas de um tratamento psicológico, que explica os fatos narrados, contextualizando-os na atualidade e propondo algumas formas de lidar com situações semelhantes hoje em dia. Você vai ver que os filhos continuam sendo muito mais filhos da mãe do que do pai. Embora diversos aspectos tenham mudado de uma geração para outra, todas as mães e todas as famílias, na sua essência, passam por situações bem semelhantes.

As mães são todas iguais. Umassumem o papel de vítima e se acomodam. Outras assumem o de guerreiras e algumas ainda “terceirizam” seus filhos. As mães se sentem muito culpadas quando percebem que suas famílias não seguem o modelo da família “perfeita”. O peso desta culpa faz que acabem mimando seus filhos e não exerçam a autoridade que lhes compete. As mães se queixam de não ter autoridade e da ausência dos pais. Na

verdade, também temem assumir os seus filhos. Ninguém quer carregar o peso da responsabilidade, então, pedem conselho e orientação a terceiros, quando bastaria assumir aquilo que pensam e em que acreditam, sem medo de errar ou sentir culpa.

Quando os pais se sentem incapazes e deixam de investir em seus filhos, estes ficam “moralmente” abandonados. O abandono ocorre quando os adultos responsáveis pela criança não se posicionam firmemente diante dela e não lhe oferecem os parâmetros de que ela necessita. É importante pontuar que os filhos dependem muito mais das atitudes dos pais do que de seus sermões ou críticas. É preciso acreditar em seu potencial, em seus esforços, aprender com os erros para poder educar seus filhos. Seguir o modelo dos outros não é bom. Você precisa acreditar em seus valores e crenças. Deixar-se guiar por eles. Seja você e deixe que o outro seja ele mesmo.

Não ajuda ser uma pessoa que você não é. Seu filho tem de conhecer você tanto com respeito àquilo que sabe, pensa e sente quanto àquilo que não sabe. Procure mergulhar dentro de si, tentar entender o que se passa com você e o significado disso. Dessa maneira, saberá quem é e o que precisa fazer diante das dificuldades e dos conflitos. Compreender a si mesmo leva à compreensão do outro. Essa é uma das experiências mais enriquecedoras da vida. Você se tornará muito mais eficaz ao se conhecer e adquirir autoconfiança. Ao se aceitar, ao mesmo tempo se modifica e promove o crescimento dos outros.

Quando os pais se conhecem e escutam seus filhos sem criticá-los ou julgá-los, demonstrando apenas o entendimento (mesmo que não concordem com eles), estes desabrocham e crescem. Quando as crianças são criadas com carinho e firmeza, revelam um bom desenvolvimento intelectual. São mais criativas e seguras. Tornam-se mais populares e aceitas no grupo. Quando os pais são inseguros, distantes e influenciáveis, as crian-

ças apresentam um atraso em seu desenvolvimento intelectual e criativo. São inseguras e instáveis emocionalmente. Mais agressivas e agitadas. Portanto, seja firme, mesmo que não saiba como agir, e não se esqueça de que firmeza não exclui delicadeza. O homem não depende da tecnologia, mas de todas as pessoas que tentam compreendê-lo e que o ajudam a enfrentar seus conflitos. O homem depende essencialmente da capacidade de criar relações pessoais de ajuda.

Atendo uma mãe solteira de 30 anos. Teve seu filho aos 15 e o criou sozinha, contando apenas com alguma ajuda de seus pais. Essa cliente sempre traz dúvidas quanto ao seu desempenho como mãe. Como seu pai é muito doente e sua mãe já é falecida, ela não tem com quem contar. A jovem culpa-se muito por não ter tempo de dar mais atenção ao filho, porque trabalha demais para manter sua pequena família, formada por mãe e filho. Em uma das sessões, muito alegre, pediu-me que lesse a redação do filho, cujo título era “Fale de uma pessoa a quem você admira muito”. Ele escreveu o seguinte:

Gosto muito de falar sobre minha mãe, uma mulher bonita, com cabelos compridos e castanhos, com aproximadamente 1,70m de altura e 30 anos. Foi mãe muito cedo, mas superou com muita coragem as adversidades da vida e hoje em dia tem sua própria empresa de publicidade. Costuma fazer muitas viagens a trabalho e sempre está com pessoas bonitas e famosas. Com tudo isso, em nenhum momento deixou de ser uma mãe dedicada e amiga, sempre presente nos momentos mais difíceis da minha vida. Com sua alegria e vivacidade contagia todos ao seu redor. Dessa forma, só posso me sentir feliz e protegido diante de tão grande mulher.

Veja que essa jovem mãe, que se sentia culpada pelas tantas ausências, conseguiu dar ao filho aquilo de que ele mais precisava: sensação de proteção, confiança, aceitação, e ser um bom modelo. É isso que os filhos esperam dos pais.

O que acaba com as pessoas é a acomodação. Marina Colasanti, grande jornalista, recebeu o Prêmio Jabuti com o livro *Eu sei, mas não devia* (Rio de Janeiro: Rocco, 1996). Seguem trechos:

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã, sobressaltado porque está na hora. [...]

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente só molha os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. [...]

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e da baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, de tanto acostumar, se perde de si mesma.

Como sempre, sem mostrar teorias complicadas e eruditismo, sendo prática, utilizando minhas próprias experiências e meu natural bom humor, falarei sobre as mães, por meio das histórias de minha avó, da minha mãe e das minhas próprias histórias com a maior leveza e graça possíveis, pois rir ainda é o melhor remédio.

Segundo dados de um estudo realizado no Instituto Karolinska, em Estocolmo, na Suécia, pessoas que se estressam com tudo, estão sempre de mau humor, são introvertidas e insatisfeitas, não acreditam em seu potencial de mudança e se acostumam a levar uma vida sem soluções apresentam maior probabilidade de desenvolver demência senil. Cuide-se!

Primeira parte

Minha avó

— Quero contar-te uma história
Vamos passear naquelas ilhas decotadas?
Faz de conta que há luar.

COBRA NORATO, DE RAUL BOPP

Autoridade autoritária



Meus avós deixaram o sul da Itália, onde nasceram, em 1877, antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Vieram para o Brasil, “o país do futuro”, abandonando seus títulos de nobreza e suas riquezas. A Europa, entre 1871 e 1914, era liberal e capitalista. A população vivia em grande prosperidade. As disputas territoriais e a má distribuição da riqueza trouxeram grande instabilidade econômica, resultando na explosão da Grande Guerra e na vinda de muitos europeus para o Brasil, um país grande, rico e com um futuro radioso.

Em 1869, as mulheres começaram a conquistar o direito de voto nos Estados Unidos, artimanha utilizada pelo governo para atraí-las para dentro de suas fronteiras. Elizabeth Blackwell foi a primeira mulher aceita em uma faculdade de medicina, nos Estados Unidos, em 1847, e Madame Curie se destacou como cientista, em 1898.

A entrada da mulher no mercado de trabalho e o impacto mundial desse acontecimento são encarados como a maior transformação social desde a Revolução Francesa (mas também como um grande ônus na vida das mulheres que têm de se equilibrar entre o papel de mãe e de profissional), e a pílula anticoncepcional fez mais pelas mulheres e pelo direito ao prazer do que todos os movimentos sociais.

Como você pode ver, as mulheres começavam a adquirir alguns direitos e reconhecimento. Esse era o panorama da época. As famílias não tinham dinheiro para viver confortavelmente e, assim como tantos outros imigrantes italianos, meus avós zarparam num *vapore*. Estabeleceram-se em São Paulo, passando a morar no Brás, uma das maiores comunidades italianas existentes na cidade.

Pascoalina, a matriarca da família, era uma senhorinha de temperamento muito forte. Era osso duro de roer. Uma calabresa

daquelas! E ainda por cima ariana. Dá para imaginar como o seu gênio era difícil? He! He! Velhinha brava.

— Felícia! Felícia! — grita Pascoalina, completamente trans-tornada ao encontrar as tranças dos cabelos de minha mãe, ainda uma menina de 13 anos, escondidas no fundo de uma gaveta.

— O que é, mamma?

— Hai tagliato i capelli?

— Não, mamma. Os meus cabelos estão presos. Imagina se eu cortaria os meus cabelos! Olha aqui... — vira a cabeça e lhe mostra um coque, muito mal-ajeitado, em sua nuca.

— Sì, li hai tagliati. Sei una testarda! Che succede? — balança a trança de cabelos ruivos que segura em uma de suas mãos, diante dos lindos olhos azuis assustados da Felícia.

— Chiamerò tuo padre. Lui vedrà la bella bisca che sei tu!

— Biase, Biase! — grita, histericamente, Pascoalina.

— Vieni qui... Dai, dai... fa presto! Guarda che cosa ha fatto tua cara figlia!

Abana novamente a trança de cabelos da pobre “Felicetta”, expondo-as ao marido, um imponente e temperamental tenente da Força Pública de São Paulo, que nesse momento lustra a sua espada da Cavalaria Militar.

— Ma cosa hai fatto? Hai tagliato i capelli? Putana! — reage Biase, dirigindo-se furiosamente à pobre “Felicetta”. E, em um ato de puro impulso napolitano, levanta a espada que lustra e a deixa cair violentamente sobre o lombo da pobre criança indefesa.

Felícia apanha em silêncio. Não pode chorar por duas razões: sabe que está errada e que, se chorar, apanhará mais ainda. Felícia cresceu com marcas de espadadas nas costas. Sempre as mostrava a mim, dizendo quanto seu pai havia sido um homem justo e bondoso e quanto sua mãe infernizava a vida de todos.

Naquela época, os papéis familiares eram bem claros: cabia ao pai educar e aos filhos obedecer sem questionar. A mãe? A

mãe tinha de cuidar da casa e dos filhos e ser a aliada do pai: a delatora, se necessário, ou a encobridora, caso fosse mais superprotetora (não era esse o caso da minha avó). O modelo de família era conjugal, nuclear e patriarcal. Família conjugal era aquela constituída de casamento civil e religioso, sendo composta de marido, mulher e filhos (nuclear), e patriarcal, no qual ao pai eram dados o poder de decisão e o papel do provedor. Como pôde perceber, o tipo de autoridade que imperava era extremamente autoritário.

Os pais exercem uma autoridade autoritária quando:

- » não percebem e não ligam para o que a criança pensa e sente;
- » não permitem que ela expresse suas emoções (“engole o choro!”);
- » mudam de assunto quando a criança quer algo ou precisa expressar o que sente;
- » ridicularizam a criança quando ela está triste ou com raiva;
- » fazem pouco da criança quando ela comete algum erro;
- » não escutam o que a criança tem a dizer;
- » sentem-se incomodados quando a criança não está do jeito-nho que eles querem;
- » acreditam que a criança tem de superar todas as dificuldades, não importa como;
- » acham que não vale a pena ficar pensando em coisas ruins;
- » não sabem como agir quando a criança não está bem;
- » pensam que a criança faz chantagem emocional para obter as coisas;
- » julgam e criticam as emoções das crianças;
- » são controladores e manipuladores;
- » o que importa para eles é a obediência e o bom comportamento;
- » são rígidos: ameaçam, repreendem, castigam e batem por qualquer motivo.